

**FLÁVIA MARIA REIS DE MACEDO**

**MORTE-COR:**

Uma análise literária do emprego das cores diante da morte  
na obra *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia Bojunga

ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA

**COGEAE**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**SÃO PAULO**

**2014**

**FLÁVIA MARIA REIS DE MACEDO**

**MORTE-COR:**

Uma análise literária do emprego das cores diante da morte  
na narrativa *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia Bojunga

Monografia de conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Literatura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Literatura.

Orientadora: Doutora Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira.

São Paulo

2014

**FLÁVIA MARIA REIS DE MACEDO**

**MORTE-COR:**

Uma análise literária do emprego das cores diante da morte  
na narrativa *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia Bojunga

**Data da defesa:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Resultado:** \_\_\_\_\_

*À tríade:  
Miguel, Artur e Marília,  
cores da minha vida.*

## **Com Admiração e Reconhecimento**

À querida professora Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira, pela orientação e grande contribuição para o desenvolvimento deste trabalho, sobretudo por guiar-me pelos caminhos da História da Literatura para Crianças e Jovens.

Ao professor Erson de Oliveira, pelas aulas de Metodologia da Pesquisa Científica e pelo incentivo aos estudos do tema da morte e do suicídio na literatura juvenil.

Ao Ricardo da PCS Dados, ressuscitador e salvador do arquivo “Morte-Cor” do HD que quase matou esta monografia.

*O homem científico é a continuação do homem artístico.*

F. Nietzsche

## RESUMO

Esta monografia, cujo objeto de estudo é a obra *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia Bojunga (2006), tem por objetivo demonstrar como se organizam na narrativa atmosferas e sentimentos do narrador protagonista diante da temática da morte, por meio do emprego das cores. Para tanto, estuda-se a concepção e o histórico da obra, seu enredo, bem como suas projeções imagéticas. Pretende-se, com isso, oferecer uma reflexão sobre os aspectos emotivos do narrador diante do suicídio do seu melhor amigo, o Pintor. Para a consecução deste objetivo, analisam-se além da peculiaridade das cores trazidas que organizam e representam os sentimentos, a constituição do narrador protagonista - que possui quase 11 anos de idade, enquanto ente construtor de sua própria identidade, narrando sua história com assuntos de grande densidade e complexidade, justificando-se, portanto, a terminologia: literatura juvenil.

**Palavras-chave:** literatura juvenil, cores na narrativa, suicídio.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>A AUTORA E SUA PRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. Caleidoscópio: Lygia Bojunga.....</b>	<b>14</b>
<b>2. Antes de <i>O Meu Amigo Pintor</i> ser <i>O Meu Amigo Pintor</i>.....</b>	<b>16</b>
2.1 As Nove Telas de Tomie Ohtake .....	18
2.2 A transformação do livro .....	20
<b>AS TINTAS E OS PINCÉIS DE <i>O MEU AMIGO PINTOR</i>.....</b>	<b>23</b>
<b>1. Colorindo o espaço e o tempo da obra.....</b>	<b>24</b>
<b>2. Desvelando os matizes do narrador e da narrativa.....</b>	<b>26</b>
<b>3. O espectro da narrativa e as justificativas para o suicídio .....</b>	<b>31</b>
3.1 Causas Políticas .....	32
3.2 Relacionamento Amoroso .....	33
3.3 Sentimento de fracasso do artista.....	35
<b>AS CORES DA NARRATIVA NO CENTRO DA TELA.....</b>	<b>37</b>
<b>1. As cores em ação .....</b>	<b>38</b>
1.1 A morte é vermelha .....	41
1.2 A dor é branca .....	43
1.3 A alegria é amarela.....	45
1.4 Cor-de-Morte .....	47
1.5 As cores dos sonhos do narrador .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

*Da morte, apenas nascemos, imensamente.*

Vinicius de Moraes

O conceito de morte para a criança e o adolescente é considerado um dos princípios organizadores mais sérios da vida. Embora seja acolhido por grande parte da sociedade como um assunto-tabu, empregado, na maioria das vezes, de maneira caricata e superficial, o grau de compreensão sobre a morte varia de acordo com a idade, levando em consideração, por exemplo, a condição socioeconômica e a experiência na família<sup>1</sup>.

Entretanto, é possível enfrentar mais abertamente este assunto, criando reflexões para nutrir o intelecto e a existência através dos portais da literatura.

Diversas são as questões que envolvem este tema, principalmente para a literatura infantil e juvenil, sendo de extrema importância o exame sobre como a morte é tratada nos trabalhos literários dirigidos a este público especial, justamente porque a leitura de textos de temáticas relevante como esta, auxilia a emancipação dos sujeitos.

Estudando o assunto, notamos que a escritora Lygia Bojunga se destaca, sobretudo, pelo fato do tema da morte aparecer em quase todas as suas obras<sup>2</sup>. Desta forma, elegeu-se uma, em particular, para adentrarmos neste foco em âmbito literário, mais especificamente, na produção que se destina ao jovem leitor. Trata-se do livro *O Meu Amigo Pintor*, publicado no ano de 1987 pela Editora José Olympio e republicado em 2006 pela editora Casa Lygia Bojunga.

---

<sup>1</sup> LOTTERMANN, Clarice. Quando a morte seduz: o suicídio na literatura para crianças e jovens. In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINNI, João Luis; MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p.44.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *Escrever para armazenar o tempo: morte e arte na obra de Lygia Bojunga*. Tese de Doutorado. Curitiba: UFP, 2006, p.5.

O primeiro motivo é latente: quase não se fala do suicídio na literatura juvenil. Pouquíssimos livros abordam esta temática de maneira tão original e delicada. É por isso que a obra, objeto desta monografia, intitulada *O Meu Amigo Pintor* destaca-se, mesmo sendo um dos livros menos conhecidos da autora.

Nos períodos de infância e adolescência, a morte possui compreensão diferenciada, pois a criança e o jovem não enfrentam apenas desafios cognitivos para o seu pensamento, mas também desafios afetivos durante seu processo de formação. Especialmente, quando o assunto se trata da busca voluntária pela própria morte, no caso, do ato de cometer suicídio.

De maneira muito particular, *O Meu Amigo Pintor* revela-nos a narrativa de um garoto de quase 11 anos, chamado Cláudio, que é surpreendido pelo suicídio do seu melhor amigo – um artista, pontos que classificam a obra literária como juvenil, não apenas pela idade do narrador, como pela abordagem séria e relevante e grau de densidade que esta narrativa oferece, exigindo do leitor preparo e fluência de leitura para alcançar a sua compreensão.

As pulsões da vida e da morte estão em constante conflito na história, demonstrando a angústia do garoto que vivencia a natureza do seu mundo. Ele inicia sua busca particular pelo entendimento e uma explicação lógica para o suicídio do melhor amigo e, de forma muito peculiar, relaciona sua percepção de vida e morte, bem como suas emoções às cores.

A cor é universal. Um dos fatores mais importantes de nossas vidas. Todos olham as cores de maneira quase idêntica, no entanto, sentem-na de formas diferentes. O mecanismo de visão, através de distintos comprimentos de onda, capta as imagens coloridas. O cérebro e a mente interpretam as cores, comunicando seu significado emocional. Desta forma, pode-se dizer que a cor é uma sintaxe que pode ser transmitida, ensinada. Tem valor simbólico e, portanto, capacidade de construir uma linguagem que comunique uma ideia<sup>3</sup>.

O emprego das cores, nesta obra, chama a atenção, pois elas são pontualmente eleitas para representar e expressar os sentimentos do narrador

---

<sup>3</sup> FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*. 3.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1987, p. 15.

diante dos enfrentamentos do tema, fato que faz com que a cor assumira uma importância extraordinária dentro dos pensamentos do menino narrador.

Desta maneira, construímos, neste texto, a hipótese de que uma análise mais acurada da exploração das cores, bem como do jogo cromático nas cenas em que estas aparecem, pode demonstrar como se organizam na narrativa, atmosferas e sentimentos do protagonista, principalmente, em relação à temática da morte. Justifica-se, assim, o título *Morte-Cor* desta monografia, cujo significado no Dicionário de Língua Portuguesa, denota: as primeiras cores de um quadro, geralmente “pouco vivas”, que os pintores dão às suas obras<sup>4</sup>.

Este trabalho, então, tem como objetivo aprofundar nossas reflexões diante da construção de uma obra literária, focalizando o que Lygia Bojunga “pintou” em suas palavras, desde as primeiras cores, como e por que utilizou tais cores para traduzir, as sensações, o sofrimento e a morte na narrativa *O Meu Amigo Pintor*. A edição da obra utilizada para o estudo é a de 2006<sup>5</sup>, publicada pela Casa Lygia Bojunga.

Para a consecução de seus objetivos, esta monografia divide-se em três capítulos. O primeiro consiste na apresentação da biografia da autora Lygia Bojunga e na contextualização de sua produção no cenário brasileiro de literatura infantil e juvenil, além da concepção do projeto que deu origem ao livro *O Meu Amigo Pintor*, de absoluta relevância para o entendimento de como nasceu a ideia do emprego das cores na arquitetura do texto narrativo.

O segundo oferece uma breve análise literária da narrativa no espaço e no tempo. Nesta análise, considera-se o papel do narrador enquanto ente construtor de sua própria identidade, bem como se reflete acerca das justificativas oferecidas para o suicídio do melhor amigo. Finalmente, o terceiro capítulo, expõe uma reflexão a respeito das cores empregadas na obra, visando comprovar nossa hipótese inicial.

---

<sup>4</sup> AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3.ed. vol. II. Lisboa: Antônio Maria Pereira, 1952, p. 435.

<sup>5</sup> BOJUNGA, Lygia. *O Meu Amigo Pintor*. 22.ed. 4.reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

A obra literária tem uma estrutura autônoma, representa uma unidade, uma composição dialógica que caminha do plano ficcional ao ideológico e independe da sociedade que a produz ou a reflete, para ser um fenômeno literário<sup>6</sup>.

É a partir desta premissa, que partiremos à verificação da validade da hipótese apresentada nesta monografia.

---

<sup>6</sup> ZILBERMAN, Regina. MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 134.

## **A AUTORA E SUA PRODUÇÃO**

### **CAPÍTULO I**

---

## 1. Caleidoscópio: Lygia Bojunga

No fim da década de 1960, início da de 1970, as produções literárias para crianças e adolescentes passaram a focalizar temas urbanos importantes, carregados de assuntos cotidianos, problemáticos e crítico-construtivos<sup>7</sup>, resgatando com isso a tradição, a irreverência e a originalidade de Monteiro Lobato, perdidas por duas longas décadas de “estiagem criativa” (1940 e 1950).

Lygia Bojunga - gaúcha de nascimento, carioca de vivência - posiciona-se, como autora de literatura infantil e juvenil, justamente em 1972. Sua primeira obra, *Os Colegas*, publicada pela Editora Sabiá, logo incorporada pela José Olympio, recebeu o Prêmio Jabuti no ano seguinte ao da publicação, conquistando público e prestígio.

Sua produção solidificou-se nos anos subseqüentes com os livros: *Angélica* (1975), *A bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978), *Corda Bamba* (1979), *O Sofá Estampado* (1980), *Tchau* (1984), publicados pela Editora Agir<sup>8</sup>.

Este primeiro período de publicações da escritora Lygia Bojunga efetivou-se em meio à repressão do Golpe Militar no Brasil (1964-1980), tempo em que foi instaurada a censura no país, atingindo a especificidade das obras, mas não a generalidade de sua produção. Entretanto, a literatura infantil e juvenil, mesmo diante deste cenário, foi menos agredida pela censura, com produções carregadas de temas-tabus e polêmicos<sup>9</sup>.

Como dissemos, a morte é um dos temas centrais de quase todos os trabalhos de Bojunga, seja ela acidental ou homicídio, ou em decorrência de doenças, envelhecimento, abortos. Há, em seus livros, ainda, a morte simbólica, ligada à privação da liberdade; a morte cultural; e o suicídio<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. *Construindo História de Leitura: A Leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma “biblioteca vivida”*. Tese de Doutorado. Assis: UNESP, 2009, p. 99-100.

<sup>8</sup> BOJUNGA, Lygia, op.cit., p.105.

<sup>9</sup> FERREIRA, op.cit., p. 102.

<sup>10</sup> LOTTERMANN, Clarice. *Escrever para armazenar o tempo: morte e arte na obra de Lygia Bojunga*. Tese de Doutorado. Curitiba: UFP, 2006, p. 5.

Talvez, por isso, os primeiros dez anos de trabalho de Bojunga a serviço da literatura para crianças e jovens, caracterizados pela transgressão e o uso de temáticas fortes dotadas de poeticidade e humor refinado, tenham sido um trampolim para a sua prospecção internacional, com a tradução de seus trabalhos para outros idiomas.

As premiações internacionais não demoraram a chegar. Em 1982, Bojunga recebe o prêmio *Hans Christian Andersen*, concedido pela *International Board on Books for Young People*, uma espécie de Prêmio Nobel da Literatura Infantil, filiado à Unesco<sup>11</sup>.

O que constitui o embrião do nosso trabalho adveio do ano de 1983 nesta rica biografia. Atendendo ao projeto da Berlendis & Vertechia Editores para a coleção Arte para Crianças, que pretendia casar a *pintura com a literatura*<sup>12</sup>, Lygia Bojunga publicou a obra *7 Cartas e 2 Sonhos*, para compor a reprodução de nove telas pintadas pela artista Tomie Ohtake.

Conforme veremos no capítulo seguinte, *7 Cartas e 2 Sonhos* sofreu relevantes transformações narrativas. Em 1987, foi intitulada *O Meu Amigo Pintor* – objeto de estudo desta monografia – e, em 1989, adaptada para os palcos brasileiros em linguagem cênica, fruto do que a autora qualifica de uma “recaída teatral” de seu processo criativo<sup>13</sup>, uma vez que exercera a profissão de atriz quando jovem. Esta nova conquista lhe rendeu premiações importantes, como os troféus Mambembe e Molière.

A produção de Lygia Bojunga não para por aí. Nos anos seguintes, ela publica também: *Nós três* (1987), que se torna peça teatral em 1989; *Livro – um encontro* (1988); *Fazendo Ana Paz* (1991); *Paisagem* (1992); *Seis Vezes Lucas* (1995); *O Abraço* (1995); *Feito à Mão* (1996); *A Cama* (1999); e *O Rio e Eu* (1999)<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> SOUZA, Renata Junqueira; GIROTTO, Cyntia Graziella Guiezelim Simões. A força literária de Lygia Bojunga: a materialidade e o prazer da leitura em A Bolsa Amarela. In: RÖSING, Tania M.K; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *De casa e de fora, de antes e de agora. Estudos de Literatura Infantil e Juvenil*. Passo Fundo: UPF, 2010, p.189-190.

<sup>12</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 90.

<sup>13</sup> COSTA, Marta de Moraes. *Transpondo a dor em cor, a letra em palco*: Textos de Lygia Bojunga Nunes. In: *Revista Letras*, versão eletrônica, p. 51. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19114/12414>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

<sup>14</sup> BOJUNGA, op.cit., p.105.

De acordo com Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira<sup>15</sup>, em 2001, a editora Record adquiriu a editora José Olympio, e a Salamandra e a Moderna foram incorporadas pelo grupo espanhol Santillana. No ano seguinte, em 2002, a Ediouro comprou a Agir. Tantas fusões editoriais no Brasil levaram Lygia Bojunga, neste mesmo ano, a recolher suas obras para republicá-las, gradualmente, em editora própria – a Casa Lygia Bojunga.

*Retratos de Carolina* (2002) é o livro de estreia da nova editora de Bojunga, em seguida, *Sapato de Salto* e *Aula de Inglês* (2006) são publicados e, por fim, *Dos vinte e 1* (2007), uma coletânea de trechos escolhidos pela autora em vinte livros<sup>16</sup>.

Durante esta fase citada, em 2004, Lygia ganhou o prêmio *Astrid Lindgren Memorial Award*<sup>17</sup>, criado pelo governo da Suécia, jamais antes outorgado a um autor de literatura infantil e juvenil. Este prêmio foi direcionado ao conjunto de sua obra até aquele ano.

## **2. Antes de *O Meu Amigo Pintor* ser *O Meu Amigo Pintor***

Uma das importantes marcas de estilo da escritora Lygia Bojunga é reservar para a introdução ou para o encerramento de suas obras um capítulo especial, com o objetivo de tecer comentários sobre seu processo criativo, suas motivações, revelando o funcionamento dos projetos de cada livro.

Para iniciar os estudos sobre *O Meu Amigo Pintor*, entraremos, inicialmente, pelas “portas dos fundos” desta obra. Na parte final, no posfácio, há um capítulo denominado: “Para você que me lê”<sup>18</sup>. Neste texto, a autora conta como a história lhe ocorreu, revelando que tudo começara muitos anos antes da publicação de 1987, com a José Olympio. Bojunga recebera uma proposta para participar de um projeto que unia literatura e pintura, da coleção *Arte para Criança*, da Berlendis & Vertecchia Editores. Esse convite específico consistia em escrever uma história que acompanhasse nove telas da artista japonesa radicada no Brasil, Tomie Ohtake.

---

<sup>15</sup> FERREIRA, op.cit., p. 99-100.

<sup>16</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 105.

<sup>17</sup> SOUZA, op.cit., p. 189-190.

<sup>18</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 97.

O projeto passou muito tempo engavetado. Lygia protelou para escrevê-lo por motivos pessoais variados, de forma que o trabalho foi somente ativado, após o prêmio *Hans Christian Andersen*, quando recebeu um ultimato da mencionada editora.

Dessa forma, Lygia Bojunga tomou fôlego para, finalmente, colocar-se diante das pinturas de Tomie Ohtake e ver “o que aquelas cores arrancavam de dentro” dela<sup>19</sup>. Foi assim que iniciou o processo de escrita de *7 Cartas e 2 Sonhos*<sup>20</sup> que, mais tarde, viria a se tornar *O Meu Amigo Pintor*, objeto desta monografia:

#### O livro *7 Cartas E 2 Sonhos*



O enredo do livro *7 Cartas e 2 Sonhos* apresenta as cartas escritas pelo protagonista Cláudio, um menino de 11 anos de idade, para a referida artista, contando a história do suicídio de seu amigo. Para tanto, esse narrador faz referências diretas às telas pintadas: “Tomie: [...] O meu amigo pintor um dia me deu um livro que mostra 9 quadros que você fez. E disse que quanto mais ficava olhando pros quadros, mais coisa ia saindo de dentro de cada cor<sup>21</sup>”.

Desta maneira, portanto, Lygia Bojunga concluiu o que seria a primeira versão de seu projeto.

---

<sup>19</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 97.

<sup>20</sup> NUNES, Lygia Bojunga. *Arte para Crianças. Tomie Ohtake. 7 Cartas e 2 Sonhos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia Editores Ltda., 1984.

<sup>21</sup> NUNES, op.cit., p. 2.

## 2.1 As Nove Telas de Tomie Ohtake<sup>22</sup>

A artista plástica Tomie Ohtake é uma das principais representantes do abstracionismo informal. Suas telas incitam a reflexão, tem movimento e subjetivação, estimulando os sentidos do observador<sup>23</sup>. As pinturas utilizadas no projeto *7 Cartas e 2 Sonhos* produzem uma geometria de curvas e cores, com imagens do espaço cósmico do qual Tomie se serve para projetar em quase todas as suas pinturas.

Ohtake criou planos que produzem a ideia de vazio expresso. Essa ideia advém da sensação de ausência, possibilitada pelo recurso de plano chapado e monocromático. As cores são distribuídas em faixas ou áreas, delimitando-se uma das outras. A artista escolhe as cores com muito cuidado, de maneira a propiciar um impacto com a força das cores primárias – amarela, vermelha e azul<sup>24</sup>.

Conforme Miguel Chaia<sup>25</sup>, colecionador e curador de exposições da artista, a cor dá definição à área, traça limites, atenua angulações e suaviza ou intensifica relações de luz e movimento. As obras de Ohtake além de fazerem uso das cores para essas intenções estéticas, também carregam a dialética do claro-escuro, quente-frio, denso-rarefeito, simétrico-assimétrico, equilíbrio-desequilíbrio, ordem-caos:



1979



1976

---

<sup>22</sup> NUNES, op.cit., p 3-51.

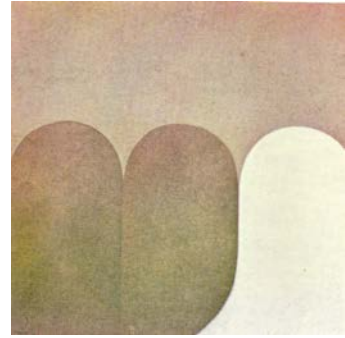
<sup>23</sup> FILHO, Antônio Gonçalves. *Tomie faz 100 anos*. Estado de São Paulo. Caderno 2. Quarta-feira, 21 nov. 2013, p. C10.

<sup>24</sup> CHAIA, Miguel. *A Dimensão Cósmica na Arte de Tomie Ohtake*. Disponível em: <[http://www.institutotomieohtake.org.br/tomie/ensaios/teensaios03\\_01.htm](http://www.institutotomieohtake.org.br/tomie/ensaios/teensaios03_01.htm)>. Acesso em: 12 nov. 2013.

<sup>25</sup> CHAIA, op.cit., Acesso em: 12 nov.2013.



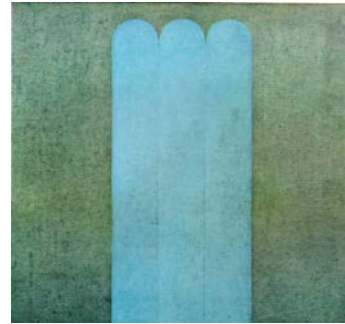
1979



1979



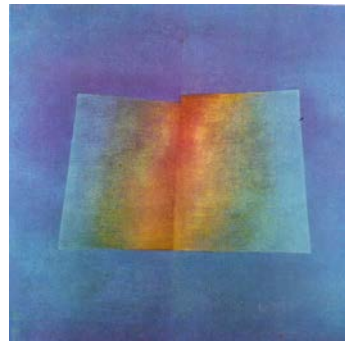
1977



1979



1979



1980



1979

Assim, o projeto de *7 Cartas e 2 Sonhos* instaura uma intensa interação entre imagem e palavras que se complementa em um diálogo peculiar, sem grau de redundância. Na obra, tanto a imagem, quanto o texto verbal possuem o mesmo grau de importância, de forma que cada código informa seu potencial comunicativo específico, posto a serviço do leitor<sup>26</sup>. Entretanto, é preciso dizer que as pinturas de Tomie Ohtake e o texto de Lygia Bojunga não criaram uma interdependência entre linguagens, pois nem o texto verbal, nem o imagético, necessitam um do outro para acessar o processo interpretante.

## 2.2 A transformação do livro

O livro *7 Cartas e 2 Sonhos* circulou por um bom tempo entre livrarias e escolas. Mais tarde, entretanto, Lygia Bojunga decidiu que era necessário dar um novo destino à sua obra. Não renovou o contrato com a Berlendis & Vertecchia, deixando o texto verbal engavetado, para tempos depois (1986-1987), segundo ela:

[...] pedir licença ao Cláudio para fazer uma alteração na maneira dele narrar os episódios: em vez de contar, através de cartas para a Tomie, tudo que tinha acontecido, ele ia contar diretamente pro leitor a história do relacionamento que ele teve com o seu amigo pintor<sup>27</sup>.

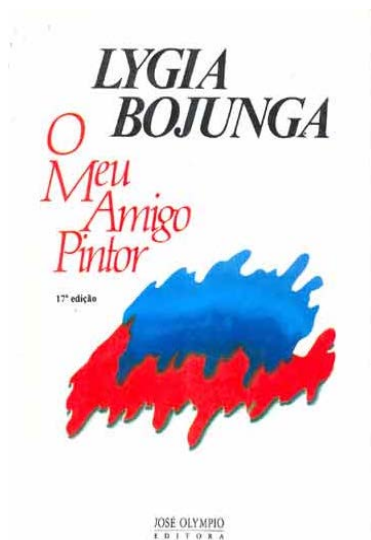
Dessa forma, a autora optou não apenas por dar uma nova capa e nova apresentação ao livro, como também decidiu dar um novo formato à narrativa, modificando sensivelmente o enredo, desprendendo o texto verbal das imagens de Tomie Ohtake, alterando o padrão de correspondência endereçado à pintora, para deixá-lo independente, em formato de diário - do narrador para ele mesmo e para o leitor.

---

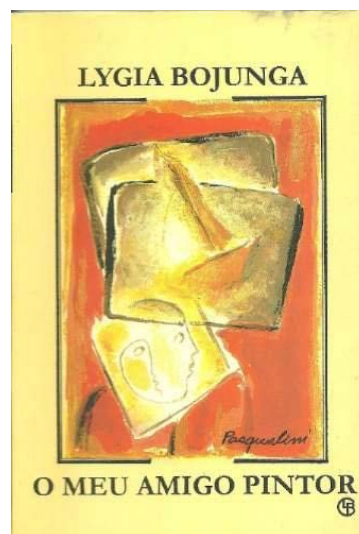
<sup>26</sup> SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini. *A trama do texto e da imagem: matizes, categorias e semiose*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2003, p. 31.

<sup>27</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 112.

## O livro *O Meu Amigo Pintor*



Publicado em 1987 pela editora José Olympio



Publicado em 2006 pela Editora Casa Lygia Bojunga

Mesmo modificando a capa, toda diagramação, divisão de capítulos e o modo de narrar, o conteúdo da obra, todavia, fora preservado. Mantiveram-se, portanto:

- os fatos comunicados pela narrativa, ordenados em lógica e cronologicamente numa sequência semelhante;
- o conflito dramático desenvolvido a partir das ações das personagens;
- a história e sua síntese.

Entretanto, não podemos ignorar o fato de que o emprego predominante das cores fortemente existente na narrativa de *O Meu Amigo Pintor*, que compõe a hipótese deste trabalho, originou-se pela interação com as telas de Ohtake, estabelecendo um diálogo com elas.

A função da palavra consiste em dizer o que a imagem dificilmente pode mostrar, como por exemplo, a causalidade e a temporariedade. Por outro lado, a imagem informa com recursos diferentes do texto, aquilo que linguisticamente é difícil de se representar<sup>28</sup>. A partir dessa assertiva, pode-se compreender a

---

<sup>28</sup> SOUZA, op.cit., p. 114.

possibilidade do desprendimento do texto verbal de Bojunga das pinturas de Tomie Ohtake.

Vale destacar que os estudos a respeito da transformação narrativa de *7 Cartas e 2 Sonhos* em *O Meu Amigo Pintor* podem ser tema para aprofundamento em uma eventual tese de mestrado, entretanto, o alcance dos objetivos específicos desta monografia limita-se a estudar tão somente o livro *O Meu Amigo Pintor*, mais especificamente sua narrativa estruturada e independente, desassociada das pinturas de Tomie. Busca-se mostrar que esta se sustenta no plano verbal, de modo que o leitor não sente necessidade de qualquer imagem ilustrativa no livro. Desse modo, as próprias palavras verbalizam as cores e produzem imagens e ideias, de maneira que o texto se transforma com a própria “pintura da narrativa”. Pela leitura, o jovem leitor pode, por meio de sua criatividade para a projeção imagética, construir mentalmente cenários, visualizar cores e perceber emoções.

**AS TINTAS E OS PINCÉIS DE *O MEU AMIGO PINTOR***

**CAPÍTULO II**

---

## 1. Colorindo o espaço e o tempo da obra

O *Meu Amigo Pintor* não possui tempo cronológico determinado em sua narrativa, estimam-se que se passe durante o período da ditadura militar brasileira, uma vez que é mencionado no texto, o fato do Amigo Pintor ter sido um preso político. Além disso, a história se passa na cidade de Petrópolis, com a descrição de seus famosos nevoeiros<sup>29</sup>.

A narrativa começa a ser contada após a morte da personagem Pintor: “[...] Hoje está fazendo três dias que ele morreu<sup>30</sup>”, durante um período de duas semanas e meia, sem definição de dias do mês ou ano de registros dos fatos.

Divididos em capítulos breves, inicia-se numa incerta Sexta-Feira, passando para Segunda-Feira, Terça-Feira, Quinta-Feira, Sábado, Domingo, Segunda-Feira (novamente), Segunda-Feira de tarde e, por fim, Sábado. Dentro deste marco de tempo, ao se deparar com a informação de que as pessoas podem determinar até quando desejam permanecer vivas, Cláudio – o narrador protagonista desta história, com aproximadamente, 11 anos de idade – conta sua experiência, mergulhado em um mar de questionamentos, diante do falecimento do seu melhor amigo, que morre de uma maneira difícil de ser entendida: cometendo suicídio.

Dessa forma, o menino narrador tenta assimilar a tragédia da morte do Pintor, descrevendo e interpretando seu aprendizado diante desse impacto, em um processo de elaboração do luto, uma vez que as ligações afetivas com esta personagem eram estreitas.

Portanto, a tensão não está no suicídio em si do amigo, pois a narrativa se situa num ponto futuro ao ocorrido, mas na tentativa do narrador mirim de lidar com a morte intencional<sup>31</sup>, proporcionado ao leitor uma reflexão sobre estas temáticas.

– Distinto público, atenção: eu vou contar pra vocês a história deste fantasma. É uma história curta porque ele é um fantasma recém-morrido. Ele virou fantasma pelo seguinte: ele se enganou de tempo

---

<sup>29</sup> BOJUNGA, op.cit., p.80.

<sup>30</sup> BOJUNGA, op.cit., p.9.

<sup>31</sup> MASSA, Daniel. *De como se mata a morte. Diálogos sobre literatura infantil brasileira*. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012, p. 58.

de morrer. Eu nunca pensei que isso pudesse acontecer. Mas aconteceu. Era para ele morrer só quando ele fosse velhíssimo...<sup>32</sup>

Muito embora, o tempo cronológico marcado nos títulos seja estabelecido numa sequência lógica, o tempo psicológico<sup>33</sup>, no qual se insere a narrativa, destaca-se como não linear, pois o narrador realiza, regularmente, muitas digressões, avanços e recuos. Desse modo, leva o leitor a um passeio no tempo e no espaço, com idas e vindas, lembranças de fatos e sonhos, vivência cotidiana e sentimentos, ora através de recordações, ora de incidentes:

De tudo o que eu conversava com meu Amigo, tem duas coisas que eu me lembro mais. Não sei por quê. A primeira é um papo que a gente teve num domingo. Tava chovendo. A gente tinha acabado de jogar. O meu Amigo levantou, acendeu o cachimbo, começou a preparar umas tintas, e então conversou de amor...<sup>34</sup>

Verifica-se com este trecho, a oscilação temporal existente na narrativa que chega ao leitor, contextualizada de modo a elucidar o gradual aprendizado de Cláudio com diversos assuntos, além da morte.

O narrador está adaptando-se à sua perda, enfrentando o mal-estar emocional. Além disso, ele busca ressignificar sua relação com o falecido amigo, de modo que a narrativa represente, também, a manutenção da continuidade do vínculo entre o menino narrador e a personagem do Pintor. Seu relato é narrado de forma fragmentada, típico dos textos contemporâneos.

Dessa forma, a estrutura narrativa que clama por um leitor atento pode ser comparada a um quebra-cabeças<sup>35</sup>, cujas peças, no início, são difíceis de encaixar, posto que as informações que o narrador protagonista procura extrair, não o convencem, aparecendo ao longo da fabulação, mudanças de pensamento, quebras de linearidade temporal e apresentação de histórias e sonhos.

---

<sup>32</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 42-43.

<sup>33</sup> FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58.

<sup>34</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 54.

<sup>35</sup> MICHELLI, Regina. *Lygia Bojunga: Perspectivas de Leitura*. Disponível em: <ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/3/Lygiabojunganunesreginamichelli.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

## 2. Desvelando os matizes do narrador e da narrativa

A morte natural é mais fácil de ser entendida. Já, o suicídio exige outra forma de compreensão, posto que é considerado não apenas uma autoagressão, mas também uma forma de agredir aos outros<sup>36</sup>, mesmo que não seja esta a intenção. O suicida não quer aceitar sua condição de vida, quer eliminar radicalmente a dor que o corrói por dentro, extirpar todas as sensações ruins que o decepcionam profundamente. Por isso faz uso, de forma radical, do direito de liquidar com suas emoções, dando cabo de sua existência.

O narrador Cláudio, investido nessa realidade trágica, advinda da morte intencional de seu amigo, está vivenciando o processo de luto, justamente, em um marco crucial de sua vida – o final da infância e a passagem para a adolescência.

Neste período da vida, o menino percebe que a compreensão da morte natural é diferente da compreensão e aceitação da morte suicida e, sem dar um nome próprio ao personagem do artista que é adulto, define-o com letras maiúsculas como o seu Amigo Pintor, isolando, para tanto, duas características importantes: a capacidade de ser amigo e a capacidade de pintar<sup>37</sup>. Portanto, na narrativa, a força da amizade e o estreitamento da ligação afetiva entre o narrador e o personagem Pintor são cruciais para o desencadeamento e a exposição de suas sensações em relação a sua perda.

Entretanto, para iniciarmos nossas reflexões sobre o narrador e a narrativa, é preciso trazer à tona a primeira frase deste texto literário, de extrema significância, pois revela como o enredo será trabalhado pelo narrador. Cláudio inicia: “Eu não sei se já nasci deste jeito ou se eu fui ficando assim por causa do meu amigo pintor, mas quando eu olho pra uma coisa eu me ligo logo é na cor<sup>38</sup>.”

---

<sup>36</sup> LOTTERMANN, Clarice. Quando a morte seduz: o suicídio na literatura para crianças e jovens. In: AGUIAR, Vera Teixeira, CECCANTINI, João Luis; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *Heróis Contra a Parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p. 66.

<sup>37</sup> CECCANTINI, João Luis. Álbum de todos os Matizes: O Meu Amigo Pintor de Lygia Bojunga Nunes. In: CECCANTINI, João Luis, PEREIRA, Rony Farto Pereira. *Narrativas Juvenis. Outros modos de ler*. UNESP: Assis, 2008, p. 112-113.

<sup>38</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 8.

Além da comovente coragem para tentar compreender a morte do Amigo Pintor que cometera suicídio, o foco narrativo estabelecido por Cláudio trata da relevância de seu aprendizado em relação à amizade, à morte, à arte e às cores: “O meu amigo me disse que quanto mais a gente prestava atenção numa cor, mais coisa saía de dentro dela<sup>39</sup>.” É dessa forma que o narrador se apresenta no texto, com a voz de alguém muito jovem, ingressando numa estrada de dúvidas para falar sobre seus sentimentos, em verdadeira simbiose com as cores, as quais, por sua vez, traduzirão toda angústia, frustração, luto, aceitação e aprendizagem, diante da descoberta da morte trágica de seu melhor amigo.

Por isso, o narrador protagonista, autodiegético<sup>40</sup>, destaca-se na obra com todas as honras. Além de ser figura-chave do desencadeamento da narrativa, ele próprio irá construir sua identidade ao longo da história, empreendendo uma busca interior para encontrar em si mesmo sua interpretação, bem como respostas e entendimento para suas perguntas acerca de um assunto tão difícil e tão complexo, como o suicídio: “Então eu vim pra casa com aquela frase voltando sempre na minha cabeça: ele morreu que nem todo mundo um dia morre<sup>41</sup>”.

A respeito do narrador, Regina Zilberman discorre que “[...] a construção da sua identidade dá-se como uma conquista penosa, através de um processo psicossocial<sup>42</sup>”. Pode-se dizer que isso ocorre com Cláudio, pois o enigma narrado por ele é extraído de seu íntimo, de suas reminiscências e deduções.

As perguntas e respostas que vai encontrando aos poucos, no decorrer da narrativa, provêm do lado emocional do narrador, o que pensa e como age, como sente, é construído ao longo desta história pelo menino, que vai conquistando sua identidade a partir do sofrimento. Ele difere das personagens clássicas juvenis – como Pedrinho e Narizinho, por exemplo, que já possuem uma identidade pronta e são dotadas de uma personalidade pré-estabelecida. Cláudio, não. Com apenas 11 anos de idade, diante de uma perda inesperada e (quase) inexplicável, vê-se obrigado a interiorizar esse fato para construir-se como sujeito, edificando a trama, tornando-se no senhor de sua própria história.

---

<sup>39</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 9.

<sup>40</sup> FRANCO JR, op. cit., p. 42.

<sup>41</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 23.

<sup>42</sup> ZILBERMAN, op.cit., p. 145-146.

A narrativa é dotada de uma linguagem que produz marcas de oralidade, além de um discurso coloquial direto que impressiona. Ao mesmo tempo, esse discurso é também subjetivo: “Mas não era isso que eu queria contar. Eu queria era dizer que na terça-feira quando eu cheguei da escola eu fiquei sabendo que ele tinha morrido<sup>43</sup>.”

O tom intimista e confessional do texto narrativo confere o ponto de vista do narrador criança, totalmente imerso à matéria narrada, sem qualquer distanciamento. Trata-se de uma criança crítica, sensível, questionadora que não aceita o mundo com os limites impostos pela realidade:

Tudo começou porque eu estava desenhando um coração só que em vez do coração ser vermelho, ele era marrom; e em vez de ser feito coração que a gente conhece, ele era todo achatado assim pro lado e acabava de repente, deixando a gente sem saber que fim que ele levava. [...] Se o meu coração tá diferente, todo ruim, todo chateado, eu não vou desenhar ele feito aquele coração que todo mundo desenha pra namorada, não é?<sup>44</sup>

Elevando o narrador mirim à categoria de um indivíduo especial, imaginativo, crítico e criativo, Bojunga opõe sua história a outras jovens personagens que não criam, nem imaginam, apenas aceitam as convenções do universo adulto. A escritora estabelece, então, um contraste entre a jovem personagem que imagina e cria, e a submissa a preconceitos estabelecidos pelo condicionamento social e adultocêntrico.

A representação do jovem adaptado ao determinismo do universo adulto aparece no discurso do colega de escola de Cláudio, o qual insiste em dizer ao protagonista que o coração deste é “errado”, feito de forma inadequada: “Não pode. Tem que ser vermelho. E tem que ser pontudo embaixo. [...] E tirou do bolso uma caneta vermelha e foi mudando toda a cor do meu coração<sup>45</sup>.” A personagem Rosália, filha do síndico, também, revela a aceitação das mesmas perspectivas, além da crença religiosa marcada pelo castigo divino. Ela aparece pouquíssimas vezes na história, entretanto, sua participação traz revelações importantes para o

---

<sup>43</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 11.

<sup>44</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 48-49.

<sup>45</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 50.

narrador: “O teu Amigo Pintor foi pro inferno. [...] Ele se matou e diz que quem se mata vai pro inferno. [...] Tá todo mundo falando. Ele deixou uma carta explicando<sup>46</sup>.”

O jovem narrador, entre as personagens mirins da obra, é o único que manifesta dúvidas em relação ao mundo dos adultos, o qual ele se esforça para entender. Entretanto, estes mesmos adultos preferem esconder informações sobre a verdade, sobre como e por que a morte do Pintor ocorreu: “- Ele não se matou, não. Ele morreu feito todo mundo um dia morre. E disse tchau e saiu depressa<sup>47</sup>.” Mesmo assim, o narrador não desiste de buscar respostas.

Conforme afirma João Luis Ceccantini, “Bojunga não assume um discurso inflamado ou panfletário de crítica ao poder do adulto que oprime a criança, como foi de praxe em certa literatura voltada para crianças e jovens nos anos 1970 e 1980<sup>48</sup>”, escapa da reprodução de discursos moralistas dos adultos, refletindo apenas a verossimilhança das relações existentes entre pais e filhos.

Naturalmente, o pai e a mãe de Cláudio querem poupá-lo do enfrentamento tão penoso e tentam apaziguar suas angústias com os argumentos clássicos empregados para confortar pessoas queridas: “Eu não parava de olhar pro meu pai; e o meu pai não parava de olhar pra mim. – Mas por que que ele ia fazer isso? – eu perguntei. – Porque ele estava doente, meu filho<sup>49</sup>”. Por sua vez, a mãe manifesta-se verbalmente e, fisicamente, de forma afetiva: “A minha mãe me abraçou: - Você não tem que ficar pensando nisso, Cláudio. Na sua idade a gente tem que pensar na vida e não na morte. Você tem outros amigos [...]”<sup>50</sup>.” Contudo, ela apresenta a concepção de possibilidade de substituição de um amigo por outros, reificando as relações afetivas em sociedade.

O Pintor, enquanto personagem, possui densidade psicológica. Trata-se de um adulto que se distingue para o menino Cláudio, como sendo um adulto especial, não é um amigo qualquer. Diferencia-se, em primeiro lugar, porque sua amizade o conduz à iniciação do narrador protagonista ao universo da arte e das cores, presenteando-o com um álbum de pinturas: “Um dia o meu amigo me disse que eu

---

<sup>46</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 19-20.

<sup>47</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 22.

<sup>48</sup> CECCANTINI, op.cit., p. 114.

<sup>49</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 28-29

<sup>50</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 29-30.

era um garoto com alma de artista, e me deu um álbum com uns trabalhos que ele tinha feito em aquarela, tinta a óleo e pastel. Disse que tinha arrumado os trabalhos no álbum para eu entender melhor esse negócio de cor<sup>51</sup>.”

Além disso, o Pintor é uma personagem identificada com o narrador protagonista, ambos trocam confidências, jogam gamão, apreciam as cores, sensibilizam-se por pequenas coisas da vida. Cláudio pergunta ao artista:

– Você acha que a gente é parecido?

– De cara, não; de jeito, é. Jeito de ficar quieto, jeito de espirrar sem estar gripado, jeito de olhar pras coisas. Tive muito amigo grande, mas nenhum de jeito tão parecido comigo feito você.<sup>52</sup>

O narrador presta muita atenção em tudo o que o Pintor diz, repara em como ele expressa suas emoções. Cláudio classifica a personagem como sendo: “[...] quieto demais, tinha mania de só fazer coisas que não fazem barulho: fumar cachimbo, pensar, pintar...<sup>53</sup>.” Desta forma, toma conhecimento, também, de que o amigo carrega uma tristeza e certa insatisfação com sua própria produção artística, com o amor não correspondido plenamente e com a política.

Após o suicídio do Pintor, a “presença” da personagem permanece. Entretanto, é elucidada pela representação de um relógio de parede que, aos olhos do narrador, simboliza a pulsão da vida do amigo, ressignificando, com isso, sua relação com o personagem falecido. Os batimentos, as badaladas, indicam a presença do artista: “[...] cada vez que ele batia, eu pensava: o meu amigo tá lá. Pra mim, ouvir o relógio batendo é que nem ouvir o meu amigo andando...<sup>54</sup>.”

Por isso, além da iniciação do narrador ao universo das cores e da arte e da amizade plena e verdadeira, o Pintor é o responsável direto pela iniciação de Cláudio às reflexões sobre a morte e a compreensão deste fenômeno natural, em particular, na opção por matar a “[...] vontade de morrer<sup>55</sup>.”

---

<sup>51</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 8.

<sup>52</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 56.

<sup>53</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 10.

<sup>54</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 11.

<sup>55</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 44.

### 3. O espectro da narrativa e as justificativas para o suicídio

Um dos questionamentos mais incisivos do narrador protagonista, refere-se ao suicídio propriamente dito: “Então tinha sido mesmo uma morte de propósito. Mas por quê? E por que que quando é assim todo mundo faz mistério? E fala baixo? E fica até parecendo que suicídio é palavra feito palavrão, por quê?”<sup>56</sup>

Contra a opinião daqueles que acreditavam ser uma ofensa à divindade tirar a própria vida, o filósofo Sêneca traçou inúmeros exemplos para justificar o suicídio como algo aceitável. Para ele, não era importante morrer mais cedo ou mais tarde, o importante era “morrer bem”, escapando do perigo de viver mal. O suicídio não poderia ocorrer como uma mera fuga dos problemas da vida ou da melancolia profunda, mas sim, como uma condição de exercício de liberdade do homem. Deveria estar sempre à mão para evitar o mal uso da vida. Não por acaso, Sêneca tirou a própria vida para livrar-se da tirania de Nero<sup>57</sup>.

O processo narrativo de *O Meu Amigo Pintor*, portanto, conduz seu leitor a questionamentos e buscas por explicações lógicas para a tragédia do suicídio: “[...] você disse que ele tinha morrido feito todo mundo um dia morre. Mas todo mundo não resolver morrer de propósito, resolve?”<sup>58</sup>

O narrador mirim relata sua história interrogando a si mesmo e às personagens que o cercam, procurando uma razão (in)justificável para a morte do Pintor, conforme veremos a seguir.

---

<sup>56</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 32.

<sup>57</sup> OLIVA, Luis César. *A existência e a morte*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012, p. 26 a 32.

<sup>58</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 74.

### 3.1 Causas Políticas

Em *O Meu Amigo Pintor*, Cláudio se posiciona como um “não entendedor” das questões políticas, mas aceita-as como uma forma de motivação para a morte do amigo: “[...] meu Amigo tinha ficado marcado por causa das ideias políticas dele (eu não entendi nada do que isso queria dizer) e, quem sabe, ele tinha se matado por causa disso<sup>59</sup>.”

Segundo a narrativa, esta é uma das causas possíveis que levaram a personagem do Pintor a cometer suicídio. Vale dizer: a obra foi escrita no período marcado pelo regime militar no Brasil, de maneira que a criação de Lygia Bojunga é influenciada por estas questões.

A literatura infantil e juvenil não passou ilesa pela repressão do governo, mas foi menos atingida. Essa produção não chamava tanto a atenção, pelo seu público-alvo ser representado por crianças e adolescentes. Dessa forma, seus produtores culturais – escritores, ilustradores, artistas em geral – tiveram condições de manifestar ideias irreverentes e libertárias e, com isso, atrair leitores<sup>60</sup>.

A própria autora justifica no posfácio do livro, no capítulo “Para você que me lê”, que seu processo criativo foi estimulado por várias lembranças, entre elas, “[...] lembranças de amigos sofrendo perseguições na época da ditadura<sup>61</sup>.”

A professora Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira atesta em sua tese de doutorado um dado importante a respeito da literatura infantil e juvenil neste momento:

A nova produção desvincula-se do compromisso com valores pedagógicos, autoritários, conservadores e maniqueístas. Ela se pauta pela paródia, pela revisão do próprio mundo fantástico tradicional das fábulas e das alegorias, pela comicidade, pelo *non sense* e pela irreverência...<sup>62</sup>

Além disso, é importante elucidar que a narrativa também se apodera de alguns argumentos para falar não apenas dos sentimentos do narrador protagonista

---

<sup>59</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 28.

<sup>60</sup> FERREIRA, op.cit., p. 103.

<sup>61</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 97.

<sup>62</sup> FERREIRA, op.cit., p. 103.

em si, mas também, das impressões do mesmo, a respeito dos possíveis sentimentos do personagem Pintor, em relação às questões políticas: “[...] ele reclamava que tinha se apaixonado pela política... ele tinha dado para gostar de tudo que é brasileiro igual... ia pro comício; pra reunião; pro sul; de tanto andar pelo Brasil, um dia ele até sumiu: prenderam ele<sup>63</sup>.”

Interessante lembrar que o estoicismo ortodoxo filosofava acerca de situações justificáveis para o suicídio, como por exemplo, quando representava um sacrifício em cumprimento dos deveres cívicos ou em situações limites, em que a continuidade da vida era incompatível com a conduta moral, política e social<sup>64</sup>. Neste prisma, *O Meu Amigo Pintor* apresenta também tal motivação para o suicídio de seu personagem.

### 3.2 Relacionamento Amoroso

O amor não correspondido pode ser umas das causas de suicídio mais comuns na história da humanidade e na literatura. Há romances clássicos que tratam desta abordagem, como, por exemplo: *O sofrimento do jovem Werther*, de Goethe, *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo, *Zorba, o Grego*, de Kazantzakis, entre outros.

A riqueza dos assuntos tratados em *O Meu Amigo Pintor*, atinge a temática do amor. Em suas digressões, o menino Cláudio analisa o aspecto da vida amorosa de seu melhor amigo para discorrer acerca de mais uma hipótese para explicar o suicídio.

A personagem Clarice, namorada do Pintor, em tese, seria classificada como personagem plana no conflito dramático<sup>65</sup>, é tratada como uma das três principais paixões do Pintor suicida: “Amarelo para mim é também cor-de-Clarice, e eu gosto de botar um pouquinho dela em tudo que eu faço<sup>66</sup>.”

---

<sup>63</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 61.

<sup>64</sup> OLIVA, op.cit., p. 14-15.

<sup>65</sup> FRANCO JR, op.cit., p. 33-58.

<sup>66</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 59.

Desta forma, os pensamentos do narrador Cláudio pendem para os desabaços e conflitos do seu Amigo Pintor, elucidando suas paixões e suas frustrações, inclusive no plano amoroso:

[...] – Depois, cada vez que a Clarice vinha me visitar, eu pedia tanto pra ela largar tudo e ficar comigo. Mas ela sempre dizendo que não. Sabe o que que ela falava? Que eu era um homem dividido em três paixões: paixão por ela, pela pintura e pela política. – Me olhou: Mas não era por causa disso que ela não ficava comigo não, era por causa do filho dela, eu sei<sup>67</sup>.

Além disso, não apenas o menino Cláudio manifesta opiniões sobre uma das causas para o suicídio do amigo, mas também uma personagem secundária, com grau mediano de complexidade – como o síndico, que incomoda o narrador.

Esse síndico não tem papas na língua, diz o pensa, doa a quem doer, apresentando-se com uma personagem grosseira, delatadora e moralista, trazendo à tona, também, a possível hipótese de que o Pintor cometera suicídio por causas amorosas:

A Dona Clarice disse que o meu Amigo morreu feito todo mundo um dia morre. Não foi de propósito não!

– Ela tinha de dizer isso, não tinha? – o síndico falou... – para ninguém ficar pensando que foi por causa dela que ele se matou<sup>68</sup>.

Conforme dito, esta é uma das justificativas para o suicídio do Pintor, trazidas por Cláudio em sua narrativa, através da personagem do síndico, um dos seus canais de informação para comunicar a história ao leitor.

---

<sup>67</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 62.

<sup>68</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 28.

### 3.3 Sentimento de fracasso do artista

A visão do artista sobre as próprias obras pintadas, a forte autocrítica, a decepção e o descontentamento em relação ao objeto criado, são a terceira e última justificativa para o suicídio do Pintor nesta obra: “[...] Não dá pra sentir como a minha pintura não tem vida? – e aí ele jogou o pincel na mesa com um jeito meio, sei lá, um jeito desesperado que, francamente, eu nunca tinha visto ele ter<sup>69</sup>.”

Eis uma das principais marcas do trabalho de Lygia Bojunga – em praticamente todas as suas obras há “questionamentos sobre a relevância da arte e as imbricações desta com a vida<sup>70</sup>.”

Em *O Meu Amigo Pintor*, o menino narrador é contundente: “[...] será que um artista pode amar tanto o trabalho dele, que se ele acha que o trabalho não tem vida, ele também não quer mais ter?<sup>71</sup>”

A insatisfação com o processo criativo, a autocrítica, a frustração com o objeto criado, podem acarretar a vontade de morrer do personagem Pintor, abrindo uma janela para a discussão sobre o significado da arte para o artista: “[...] um dia ele me disse que nunca ia ser um grande pintor: quanto mais ele trabalhava mais ele via como era difícil transmitir numa tela o que ele queria dizer<sup>72</sup>.”

Segundo Clarice Lottermann:

Quando o artista sente um profundo descontentamento com sua forma de expressão, a arte pode desencadear crises que levam à desistência da arte e da própria vida. No caso do Amigo Pintor, a consciência das dificuldades do processo criativo contribui para agravar um estado depressivo gerado por problemas de ordem diversas [...]<sup>73</sup>.

Assim sendo, diante das mencionadas justificativas – a política, o amor e o fracasso como artista, é possível constatar, no decorrer da narrativa, que o sacrifício

---

<sup>69</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 59.

<sup>70</sup> LOTTERMAN, Clarice. *Escrever para armazenar o tempo: morte e arte na obra de Lygia Bojunga*. Tese de doutorado Curitiba: UFP, 2006, p. 5.

<sup>71</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 59.

<sup>72</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 76.

<sup>73</sup> LOTTERMANN, Clarice. Quando a Morte Seduz: o suicídio a literatura para crianças e jovens. In: CECCANTINI, João Luis. *Heróis Contra a Parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p.63.

do Pintor revelado no ato de matar-se, confere novo sentido à vida do narrador Cláudio, que vai renovando seus conceitos e visões de mundo.

Para Maria Zaira Turchi e Flávia de Castro Souza, que aprofundaram os estudos sobre a violência na literatura infantil e juvenil:

O suicídio do pintor pode ser considerado uma tentativa de dominação do tempo. Ao esgotar suas possibilidades de ficar junto da mulher que ama, de ser um bom pintor e de fazer parte da revolução brasileira, ele resolve parar o seu tempo<sup>74</sup>.

Nesta premissa, morre o Amigo Pintor, violentamente, mas Cláudio se propõe a buscar a todo instante uma compreensão sobre isso e elaborar sua perda, ao mesmo tempo em que vai renascendo, com a experiência vivida e se tornando um garoto especial, sensível, capaz de fazer reflexões importantes sobre a vida e a morte.

---

<sup>74</sup> TURCHI, Maria Zaira; SOUZA, Flávia de Castro. A face obscura da violência na literatura juvenil. In: CECCANTINI, João Luis. *Heróis Contra a Parede*: estudos de literatura infantil e juvenil. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p.111.

## **AS CORES DA NARRATIVA NO CENTRO DA TELA**

### **CAPÍTULO III**

---

## 1. As cores em ação

*A cor é o toque, o olho, o martelo que faz vibrar a alma, o instrumento de mil cordas.*

Kandinsky<sup>75</sup>

As respostas emocionais de ódio, amor, dor e desprazer têm origem no grupo de núcleos que formam o sistema límbico do ser humano. Por este motivo, a interferência fisiológica e psicológica das cores é uma realidade.

A luz e as cores atuam como o alimento ou água exigidos pelo organismo. No ser humano, o comprimento de uma onda de luz correspondente à determinada cor e tem a propriedade de decompor pigmentos específicos que se encontram nas vesículas dos neurônios chamados cones, situados na retina e responsáveis pela visão de cores. Esta decomposição ocorre com maior ou menor intensidade, segundo o comprimento de onda, provocando reações físicas e psicológicas. Por este motivo temos os efeitos excitantes ou depressoress provocados por algumas cores. Levantar dados relacionando a preferência por cores e a personalidade, ou sobre estados afetivo-emocionais, não é mera especulação, mas ciência fundamentada.<sup>76</sup>

Segundo Chevalier e Gheerbrant, o primeiro caráter simbólico das cores é a sua universalidade geográfica. As interpretações podem variar entre os povos. Entretanto, as cores contribuem para os diversos níveis do ser e do seu conhecimento místico, cultural, religioso, cosmológico<sup>77</sup>.

A morte, por exemplo, pode ser representada, de acordo com determinada cultura, pela cor branca, que significa não somente a cor dos mortos, como também a cor da luta contra a morte. Já o preto é uma cor que pode indicar sinais de renascimento póstumo, a cor do betume utilizado nas mumificações, a cor que pode induzir os mortos ao outro mundo<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*. 3.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1987, p.27.

<sup>76</sup> TISKI-FRANCKOWIAK, Irene. *Homem, Comunicação e Cor*. São Paulo: Ícone, 2000, p. 106.

<sup>77</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1990, p. 275.

<sup>78</sup> CHEVALIER; GHEERBRANT. op.cit., p. 277.

A cor vista impressiona a retina e este fato provoca uma emoção, uma sensação, conferindo um significado próprio ao indivíduo que a enxerga; por isso, tem valor de símbolo e capacidade para construção de uma linguagem que comunique uma ideia<sup>79</sup>.

Sendo as palavras também a manifestação de ideias que funcionam como recipientes para os significados<sup>80</sup>, pode-se afirmar, portanto, que *O Meu Amigo Pintor* é um tesouro de ideias e significados que compõe, num mesmo prisma, todo o sistema da narrativa, em que se relacionam diretamente palavras e cores – ou seja, a ideia na ideia.

Desse modo, a configuração das cores utilizada por Lygia Bojunga, permite a aproximação do narrador com o mundo. Ao expandir a significação usual das cores, associada à assimilação de alguns princípios elementares na base da arte, o menino Cláudio consegue expressar seus sentimentos e conflitos sobre o mundo que o rodeia<sup>81</sup>:

[...] mas ele era um artista, era um pintor (olha só o pincel na mão dele) tinha a mania de viver pensando em cor. Acordava e, em vez de dizer feito todo mundo, eu estou triste, eu estou contente, ele falava:

hoje eu estou roxo

hoje eu fiquei tão amarelo!

hoje eu acordei meio roxo,

mas fui amarelando lá pro fim da tarde.

Assim sendo, esta relação metafórica entre a linguagem do texto verbal e o emprego das cores se presta a abrir os olhos do leitor à realidade, manifestando com veemência os sentimentos do narrador e do Pintor, esclarecendo quem eles são e como se sentem.

O narrador protagonista, Cláudio, recebe os ensinamentos a respeito da arte e da linguagem cromática pelo personagem Pintor. Diante deste fato, o menino passa a pensar e interpretar as cores, baseando-se no conteúdo das suas emoções.

---

<sup>79</sup> FARINA, op.cit., p. 27.

<sup>80</sup> QUEIROZ, Nanci Maria Stephano. *A metáfora nos textos literários*. Tese de Mestrado. São Paulo: PUC, 2002. p. 40.

<sup>81</sup> CECCANTINI, op.cit., p. 118.

João Luís Ceccantini faz uma assertiva pontual sobre esta questão, que julgamos importante aqui transcrever:

Se apenas dois grandes núcleos temáticos explorados, amizade e morte, estivessem na base de *O meu amigo pintor*, talvez não houvesse redenção possível para o caos existencial a que se vê mergulhado o narrador. No entanto, a presença na narrativa de pelo menos um terceiro elo temático importante, assegura a possibilidade de alguma luz no fim do túnel para Cláudio. Este elo é a arte, particularizada na pintura, desempenhando o papel, para o garoto, de aproximar o que antes parecia inconciliável<sup>82</sup>.

No começo, o narrador assume que não entende muito desse “[...] negócio de cor<sup>83</sup>”, mas, logo em seguida, depois de observar atentamente o álbum que o Amigo Pintor lhe presenteara, tem um *insight* – como se a compreensão começasse a fazer sentido para Cláudio, de modo que o narrador protagonista tem o impulso de procurar o artista para contar-lhe: “[...] estou entendendo demais esse preto; te juro que me deu um estalo e estou entendendo o jeito que esse amarelo pegou<sup>84</sup>.” Entretanto, era tarde demais, o amigo artista tinha morrido.

Neste prisma, pode-se interpretar que a descoberta e o entendimento das cores ocorrem para o narrador protagonista de forma concomitante à descoberta da morte do Pintor, que, por sua vez, deflagra todo o processo de reflexão e amadurecimento desse menino. Sendo assim, a obra de Lygia Bojunga focaliza que a morte e as cores têm absoluta conexão, o que torna *O Meu Amigo Pintor* ainda mais instigante.

---

<sup>82</sup> CECCANTINI, op.cit., p. 118.

<sup>83</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 8.

<sup>84</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 9.

## 1.1 A morte é vermelha

Nosso cérebro leva, apenas, um tempo de percepção de 0,02 segundos para compreender o vermelho. Vermelho é a cor de maior aparência e visibilidade. É a mais versátil das cores primárias e aparece pouco no meio da natureza<sup>85</sup>.

Para Fílon de Alexandria, vermelho é a representação do fogo, umas das cores que recapitulam o universo; para alguns místicos, o céu de Marte, governado por Arrael – o anjo da morte – é vermelho-sangue Vermelho do latim, *vermiculus*, está relacionado a verme, inseto, dos quais se extrai o carmim, uma substância escarlate<sup>86</sup>.

Em *O Meu Amigo Pintor*, a cor vermelha está diretamente associada à morte e ao sofrimento: “Pra mim, morte é coisa vermelha, coisa difícil de se entender<sup>87</sup>.” Pois essa cor representa para o narrador Cláudio algo difícil de explicar, confuso. Deixa-o atônito, perturbado, fato que o faz reafirmar mais de uma vez: “Pra mim vermelho é cor de coisa que eu queria entender<sup>88</sup>.”

Na busca pelo entendimento do que ocorrera, o narrador ressalta suas sensações diante do suicídio do amigo: “[...] aquela frase voltando sempre na minha cabeça: ele morreu que nem todo dia um dia morre. E aí aconteceu uma coisa bem legal: foi nascendo um amarelo dentro do meu vermelho<sup>89</sup>.”

O vermelho equivale a comprimentos de ondas longas, de maior intensidade e atua mais fortemente, acarretando um alto grau de excitação. A cor vermelha pode elevar a pressão arterial, quando é observada atentamente, acelera as batidas cardíacas e, em alguns casos, provoca inquietação e até desperta agressividade. Esta cor é capaz de interferir no sistema nervoso simpático, que é responsável pelo estado de alerta, ataque e defesa<sup>90</sup>.

Além disso, a cor vermelha associa-se também à primeira paixão do narrador: “[...] a minha prima veio aqui com uma colega que se chama Janaína e que tava

<sup>85</sup> GOLDMAN, Simão. *Psicodinâmica das Cores*. 5.ed. Rio Grande do Sul: La Salle, 1964, p. 223.

<sup>86</sup> CHEVALIER; GHEERBRANT, op.cit., p. 277.

<sup>87</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 23.

<sup>88</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 16.

<sup>89</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 23.

<sup>90</sup> TISKI – FRANLOWIAK, op.cit., p. 132.

toda vestida de vermelho. [...] só aquele vermelhão que todo mundo na sala ficou olhando. [...] Aí eu fui e me apaixonei por ela<sup>91</sup>.”

Desta forma, os sentimentos que causam confusão ao narrador, são representados por esta cor, que, segundo o Pintor, o apoiava: “[...] vermelho é mesmo uma cor complicada<sup>92</sup>.”

Portanto, todo atordoamento e confusão das emoções do narrador são representados pelo vermelho. De forma que, após a morte do Pintor, Cláudio explicita sua desestabilidade diante do suicídio do amigo projetando, por intermédio da ideia da cor vermelha, um sentimento profundo de angústia e incompreensão diante do ocorrido: “Acho que é por isso que eu olho tanto pro vermelho que ele pintou aqui no álbum. [...] Pra ver se eu entendo por que que tem gente que se mata<sup>93</sup>.”

Não falta à narrativa de Lygia Bojunga o emprego de imagens poéticas e a utilização de sutilezas para demonstrar o fortalecimento dos sentimentos do narrador: “ – Mas hoje, sem estar esperando nem nada, aconteceu uma coisa que mudou o jeito vermelho que eu estava sentindo dentro de mim<sup>94</sup>.” Constrói-se, assim, ao longo da história, um paralelo significativo em que o menino narrador expõe seu aprendizado, aplicando-o em sua própria vida, presenteando o leitor com seu amadurecimento emocional e intelectual, utilizando a cor vermelha como uma metáfora para seus sentimentos mais complexos e para a representação da morte.

---

<sup>91</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 16.

<sup>92</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 18.

<sup>93</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 19.

<sup>94</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 23.

## 1.2 A dor é branca

O branco que, atualmente, é tido como o símbolo da paz, na verdade, possui atuação no sistema nervoso do homem, provocando um efeito bastante diferente do que a calma e tranquilidade preconizadas<sup>95</sup>.

A superposição de todos os comprimentos de onda reflete, nitidamente, todos os outros e, por este motivo, atua de um modo que incomoda, pois expõe o ser humano a um maior número de estímulos que o cansam em curto espaço de tempo. Curiosamente, em algumas culturas, como a africana, por exemplo, o branco é considerado como a cor dos mortos e do luto<sup>96</sup>.

Na literatura, uma das mais célebres obras de José Saramago, autor português, faz também uma reflexão interessante sobre esta cor, como sendo o mal-branco<sup>97</sup>: “[...] Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra. Pois eu vejo tudo branco.” A dor de não enxergar neste livro é representada também por esta cor.

Na obra *O Meu Amigo Pintor*, a cor branca representa ausência e dor, e esta associa-se ao silêncio e ao vazio: “Hoje ficou tudo branco: o relógio não bateu mais. Que vontade de ir lá em cima dar corda nele...”<sup>98</sup>

A carência da presença do amigo é constatada pela inexistência do som das cordas do relógio que simboliza a parada do tempo com a falta de vida, numa das mais belas passagens do texto: “Eu nunca pensei que silêncio fosse assim tão branco. E aí sim, eu vi mesmo que meu amigo tinha morrido e que branco doía mais que preto; amarelo, nem se fala!, doía mais que qualquer cor<sup>99</sup>.”

O narrador-protagonista insere o leitor no cerne de sua consciência<sup>100</sup>, capturando-o para acompanhar a sensação: “[...] com esse branco todo do relógio que não bate, e com esse tabuleiro de gamão aqui parado, me olhando com cara de

<sup>95</sup> TISKI-FRANCLOWIAK, op. cit., p. 132.

<sup>96</sup> CHEVALIER; GHEERBRANT, op.cit., p. 277.

<sup>97</sup> SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 125.

<sup>98</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 12.

<sup>99</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 13.

<sup>100</sup> CECANTINI, op.cit., p. 113.

que hoje era dia da gente jogar; é claro que a saudade só tem que aumentar [...] <sup>101</sup>.” Assim é “pintada” a dor do narrador Cláudio pela perda do amigo, com a composição da cor branca para traduzir a dor de seu sentimento, a ausência e o vazio.

---

<sup>101</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 33.

### 1.3 A alegria é amarela

O amarelo mantém sua pureza indivisível. Considerada uma das cores essenciais para criar o equilíbrio num plano pictórico. Quando falta, não há ritmo, nem vivacidade<sup>102</sup>.

Em *O Meu Amigo Pintor*, a cor amarela exprime tanto para o narrador como para o personagem Pintor, sentimentos de contentamento e de alegria:

- Eu queria era dizer que na terça-feira, quando cheguei da escola, eu fiquei sabendo que ele tinha morrido. Fui lá. Não aguentei olhar pra ele assim morto: virei a cara pra parede e dei de cara com um quadro que ele tinha pintado: uma mulher amarela. Um dia ele me disse que ela estava assim amarela porque tinha acordado contente<sup>103</sup>.

O amarelo visto pelo garoto, logo na sequência de se deparar com o amigo morto, neutraliza imediatamente o mal-estar e o susto ocasionados pelo encontro do narrador mirim com o recém-falecido Pintor, entretanto, esse amarelo se modifica, em seguida: “De repente, comecei a me sentir todo escuro por dentro. Tão escuro, que não dava pra enxergar mais nada dentro de mim<sup>104</sup>.”

As expressões de entusiasmo do menino Cláudio são metaforizadas com o amarelo. Essas expressões possuem, assim como em toda a narrativa, um tom intimista e confessional<sup>105</sup>: “E se alguém perguntar que cor que tinha a batida eu respondo correndo, amarela! É que fiquei igualzinho ao meu amigo pintor: dei pra achar que amarelo é uma cor contente<sup>106</sup>.”

O amarelo simboliza também para o narrador mirim a sensação de conforto e bem-estar. O garoto quer entender a morte do amigo, quer compreender porque o artista cometeu suicídio. Assim, pensar que todo mundo um dia morre é algo que lhe proporciona certo contentamento. Dessa forma, quando encontra com a personagem Clarice, que lhe diz que o artista morreu “como todo mundo um dia morre”, corresponde a uma informação que lhe garante momentâneo alento:

---

<sup>102</sup> TISKI-FRANCLOWIAK, op. cit., p. 136.

<sup>103</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 11.

<sup>104</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 10.

<sup>105</sup> CECANTINI, op. cit., p. 117.

<sup>106</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 11-12.

“– Então, eu vim pra casa com aquela frase voltando sempre na minha cabeça: ele morreu que nem todo mundo um dia morre. E aí aconteceu uma coisa bem legal: foi nascendo um amarelo dentro do meu vermelho<sup>107</sup>.”

O amarelo é considerado uma cor passageira, para a qual não é possível olhar o tempo todo. Essa cor primária, representa luz, ação, estimula alguns centros nervosos. Quando aparece, exalta quem a olha, positivamente<sup>108</sup>.

O Amigo Pintor deixa claro para o narrador mirim, que pintava o amarelo de propósito. Segundo ele: “Amarelo pra mim é também cor-de-Clarice, e eu gosto de botar um pouquinho dela em tudo o que eu faço<sup>109</sup>.”

Percebe-se, com isso, que Lygia Bojunga, não apenas chama a atenção do leitor para as cores nessa narrativa, como também cria novos nomes para suas nuances, definindo, com isso características de duas personagens – Clarice (“Cor de Clarice”) e o síndico (“Amarelo-Síndico”), cujas atitudes movimentam diretamente na complexidade dos pensamentos do narrador.

Assim, ao passo que Cláudio considera o amarelo uma cor otimista, que lhe confere boas sensações, em um mesmo sistema dinâmico e original, importa também a ela, significações diferentes, demonstrando que o amarelo-contente pode se transformar em alguns momentos em um amarelo-pior: “[...] o amarelo dele ficou diferente, esquisito, com uma cara que eu não gosto nada e que eu vou até chamar de amarelo-síndico<sup>110</sup>.”

Como vemos, pelos trechos destacados, pode-se notar que a cor está relacionada com a alegria da amizade entre Cláudio e o Pintor, ela se traduz como uma luz momentânea que cerca o narrador em alguns trechos da história, fazendo-o sentir-se melhor em meio a toda a sua angústia relacionada ao conhecimento do suicídio do melhor amigo. Entretanto, este sentimento de amarelo, pode sofrer interferências, na medida em que vai perdendo a cor, conforme o estado do sentimento do narrador.

---

<sup>107</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 23.

<sup>108</sup> TISKI-FRANCKOWIAK, op.cit., p. 133.

<sup>109</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 58.

<sup>110</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 32.

## 1.4 Cor-de-Morte

Lygia Bojunga trouxe para a narrativa uma reflexão sobre o significado do nevoeiro, categorizando-o na paleta de cores desta obra, como sendo: *cor-de-morte*<sup>111</sup>, para metaforizar a vontade de morrer do Pintor, calcando a história com marcas de densidade e condensação, características físicas e meteorológicas típicas dos nevoeiros.

O nevoeiro é símbolo do indeterminado. Utilizado frequentemente quando as formas por trás dele não se distinguem, precedendo o prelúdio de uma manifestação, uma revelação importante<sup>112</sup>.

Do ponto de vista do narrador Cláudio, a luminosidade de sua relação sadia com o Amigo Pintor é incompatível com os tons implicados pelo suicídio existente na narrativa, pois o garoto não consegue entender, tampouco enxergar claramente os reais motivos que levaram o Pintor a praticar tal ato. Tudo se configura de forma turva para ele.

Não por acaso, a neblina é o principal símbolo escolhido para associar-se à vontade de morrer. Quando o Pintor ainda está vivo, a neblina o deixa deprimido e as pulsões da morte atingem sua existência, causando impacto nas lembranças do narrador. Ao mesmo tempo, elas se cristalizam em uma das passagens mais importantes da narrativa, a qual trata do acontecimento do suicídio:

E então, um dia desses, fez um nevoeiro forte toda a vida. O Pintor espiava pela janela do apartamento dele, só via aquele nevoeiro tapando tudo que é cor e falava feito costumava falar: hoje tá fazendo um pouco de vontade de morrer.

Nevoeiro assim forte quase sempre passa logo. Mas dessa vez não passou: era um nevoeiro comprido, que durou a tarde toda e a noite inteirinha também. A toda hora o Pintor espiava na janela. E nada da vontade de morrer acabar. Foi por isso que ele se enganou: achou que a vontade nunca mais ia passar e então resolveu matar a vontade<sup>113</sup>.

---

<sup>111</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 43.

<sup>112</sup> CHEVALIER; GUEERBRANT, op.cit., p. 634-635.

<sup>113</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 44.

O nevoeiro esbranquiçado associa-se também à ideia de depressão do Pintor, marcando o período de transição da vida e da morte da personagem. Muitas vezes, o nevoeiro passa logo, mas desta vez não passou. O desejo de morrer invade sua existência, algo que não consegue resistir. As palavras-ênfase utilizadas são: a vontade de morrer, e o desejo de matar a vontade, indicativos indiretos para a realização do suicídio<sup>114</sup>.

A forma como é colocada a tragédia, nesta obra, é impressionante, pois produz uma atmosfera nebulosa que angustia e, ao mesmo tempo, gera impacto. A maneira de contar o ato do suicídio pelo narrador faz com que o leitor possa enxergar através do nevoeiro, de forma a entender como tudo aconteceu.

Bojunga não traduz uma resposta conclusiva e direta para o suicídio da sua personagem, apenas abre ao narrador alguns caminhos para sua reflexão a respeito. Cláudio tenta ordenar suas ideias e “separar amigo pra cá e por quê pra lá”, em perguntas – “por que ele fez assim tão de propósito pra morrer?”, e respostas: “O que eu tinha era que fazer o que ele fez com as folhas e com o azul do céu: juntar...”

O narrador compreende que tinha de juntar tudo “bem junto<sup>115</sup>”, pois tudo está ligado, emaranhado - sua amizade, suas dúvidas, os bons momentos que passou com o Pintor, o relógio, sua morte de propósito e as cores.

---

<sup>114</sup> MASSA, op.cit., p.129-130.

<sup>115</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 83.

## 1.5 As cores dos sonhos do narrador

Sonhos coloridos são expressões significativas do inconsciente e representam certos estados de alma daquele que sonha, traduzindo inclusive, diversas tendências de pulsações psíquicas<sup>116</sup>.

O narrador Cláudio conta que sonha, entretanto, em seu primeiro sonho de nada se lembra, sabe apenas que sonhou: “Coisa esquisita que é sonho; a gente acorda com aquele montão de coisa acontecida dentro da gente e logo depois, puf! esquece<sup>117</sup>.”

No segundo sonho, do qual Cláudio se recorda, são trazidos à tona, na narrativa, elementos cuja configuração permite visualizar o ambiente do sonho como sendo um palco teatral. Não por acaso, a narrativa permitiu a transformação do texto em peça de teatro, sem transtornos, invenções ou inversões na adaptação<sup>118</sup>.

As cores escolhidas por Bojunga para configurar esta atmosfera do inconsciente, remetem o leitor às características de depressão e melancolia do Amigo Pintor. A *cor-de-saudade*, por exemplo, nem bege, nem marrom fraquinho, nem rosa, nem laranja, é usada para colorir o lugar deste sonho: “Mas o palco era todo da cor da cortina, e quem sentava na plateia ficava então só olhando pra saudade e mais nada<sup>119</sup>.”

O menino narrador vê em seu sonho a presença do Pintor que aparece investido no papel de fantasma, todo vestido de branco, junto de duas outras figuras de cor azul<sup>120</sup>, representando, segundo a narrativa: um “quadro-vivo”<sup>121</sup>. “Mas elas eram azul tão vivo, tão forte, que jogavam um brilho no palco e faziam a cor da saudade ficar mais forte. E mais forte dentro de mim também<sup>122</sup>.”

Conforme analisamos aqui, o aspecto da simbologia do branco (do fantasma), representado pela personagem do Pintor, é primitivamente a cor da morte e do luto.

---

<sup>116</sup> CHEVALIER; GUEERBRANT, op.cit., p. 280.

<sup>117</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 37.

<sup>118</sup> COSTA, op.cit., p. 53.

<sup>119</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 31-38.

<sup>120</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 38.

<sup>121</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 46.

<sup>122</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 38.

O azul é uma cor fria por natureza e reduz a pressão sanguínea<sup>123</sup>. Embora, seja também uma cor que represente uma atmosfera tranquilizadora, conforme Tiski-Franckowiak, corresponde a ondas curtas de intensidade fraca e atua nos neurônios com mais suavidade que outras cores e, por isso, deve ser evitado em quartos de pessoas com tendência à depressão<sup>124</sup>.

No Brasil, a cor azul designa popularmente uma expressão de que está tudo bem: “tudo azul”, entretanto, para algumas civilizações antigas, o azul evoca a ideia de morte, como por exemplo, as paredes da necrópole egípcia, pintadas de azul-claro<sup>125</sup>.

Na narrativa, as cores azuis são representadas como sendo o “coro” que acompanha o Pintor, no palco do sonho de Cláudio. Segundo os quais: “O papel delas é comentar a minha história. Se eu não conto a minha história, elas não têm nada pra comentar.” Assim sendo, a representatividade das duas figuras azuis na narrativa são “presas” ao Pintor :

Tô preso, costuraram a minha roupa na roupa delas.

Fui atrás do meu Amigo pra ver se descosturava o azul sem ninguém perceber. Quem diz?

- Não é costura! – eu falei – é pintura.
- Ah, então não vai dar pra separar.

Neste trecho da obra, todo este efeito de cores diante do narrador mirim, deixa-o emocionado, não sabe o que fazer diante do sonho, nervoso, ao ver seu amigo feito “fantasma” de branco, costurado em duas figuras azuis - ele chora.

Curiosamente, o azulado da atmosfera e a cor branca são associados em nossa mente com as reações de frio. É por isso que encontram, termicamente, em nosso subconsciente, efeitos emocionais paralelos.

---

<sup>123</sup> GOLDMAN, op.cit., p. 237.

<sup>124</sup> TISKI-FRANCKOWIAK, op.cit., p. 132.

<sup>125</sup> LOTTERMAN, Clarice. Quando a morte seduz: o suicídio na literatura para crianças e jovens. In: CECCANTINI, João Luis. *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p.65.

Adiante, Cláudio tenta lidar com a reação do Pintor que não sabe o que fazer em cima do palco, não sabe como enfrentar a plateia: “Não é hora de chorar, é hora de me ajudar! Me ajuda! Me ajuda!” Eu tinha que inventar uma coisa correndo pra salvar meu Amigo [...] fui pra frente do palco - e comecei a cantar o hino nacional.”

No terceiro e último sonho contado pelo narrador protagonista, as três paixões do Amigo Pintor que, conforme dissemos no capítulo II, são: a Política, Clarice e a Pintura, aparecem, curiosamente, vestidas de verde.

O verde é considerado por alguns artistas como cor primária, pois é essencial para a harmonia do campo perceptivo; para outros, esta cor é considerada secundária, por ser produto da junção do amarelo e azul<sup>126</sup> e, assim sendo, contém a dualidade do impulso ativo, pois promove a sensação de descanso e relaxamento.

Vale ressaltar também que o Pintor é descrito em dois outros trechos do livro, como alguém que usa um blusão da cor verde para pintar<sup>127</sup>, de maneira que esta cor foi também ressaltada em outro ponto relevante da obra, enquanto os amigos desfrutam um piquenique, conversando sobre as coisas da vida: “Em volta era tudo verde. O meu Amigo então falou de verde: forte, fraco, verde de tudo que é tom. Mostrou tinta, mostrou mato.[...]”<sup>128</sup>.

As paixões do Pintor, também vestidas de verde, aparecem felizes no sonho, risonhas, harmônicas e ligadas umas às outras, de modo a provocar o questionamento do menino Cláudio, que se dirige a elas perguntando se não têm ciúmes umas das outras. “Aí as três suspiraram igual. E pelo jeito ficaram pensando igual também”<sup>129</sup>.

O Pintor mostrava-se dividido entre estas três paixões. Em um paradoxo, também, estas três paixões podem ser consideradas pontos nevrálgicos, cujo descontentamento, justificam as causas para o suicídio da personagem.

O narrador protagonista busca, em um dos últimos capítulos, demonstrar que haveria a possibilidade de um equilíbrio nestes três pontos – Clarice, a Política e a Pintura - figurados de verde, de modo a fazer o Pintor sentir-se feliz: “Com a gente

---

<sup>126</sup> TISKI-FRANCKOWIAK, op.cit., p. 141.

<sup>127</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 66 e 84.

<sup>128</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 60.

<sup>129</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 68.

amiga e junta dentro dele, o teu Amigo vai poder viver em paz<sup>130</sup>.” Advém disto, talvez, o emprego da representatividade do verde neste sonho que era agradável e bom. Simbolicamente, o verde associa-se à natureza e às árvores, liberta o espírito e harmoniza.

Não é possível saber com precisão se Lygia Bojunga estudou a simbologia das cores para escrever sua obra, é algo que não manifesta no posfácio “Para você que me lê”. No entanto, se a autora, extraiu suas sensações diante das cores e usou sua intuição, conforme alega<sup>131</sup> durante o processo de escrita de *O Meu Amigo Pintor*, confirma-se aqui que a psicodinâmica e a simbologia das cores foram reproduzidas na obra ficcional, tal como ocorre na realidade.

Cláudio narra falando de cores para: (a) expressar e descrever seus sentimentos metaforicamente diante da perda trágica do melhor amigo; (b) marcar as características e lembranças da personagem Pintor, estudioso no assunto da arte e da pintura; (c) manifestar as cores vistas em seus sonhos e em sua vida.

A inserção da cor azul celeste – descrito como um “azul incrível”, no último capítulo, representa a positividade dos sentimentos do narrador menino, que pretende registrar o encerramento de sua história, mostrando-se aliviado, não apenas com a aceitação da perda do amigo, mas com a aceitação das dúvidas em torno dessa morte. Traz, além disso, junto do azul (céu de verão), o amarelo (do sol) e o verde (do blusão do Pintor), como marcas das cores finais na narrativa, para registrar tal compreensão.

Fica claro que as reações e interpretações advindas da influência das cores não valem apenas para ilustrar e fornecer imagens ao leitor, mas também para fazê-lo entender a forma de sentir do narrador. As cores, portanto, descortinam o mundo do Pintor e permitem que Cláudio, através de seus sonhos coloridos e de sua história, possa assimilar o suicídio do amigo artista.

---

<sup>130</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 69.

<sup>131</sup> BOJUNGA, op.cit., p. 97.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia é resultante de uma análise da obra *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia Bojunga (2006), que buscou observar como se configura a temática da morte, mais especificamente do suicídio, no universo da literatura para jovens.

Na narrativa, a morte e os sentimentos advindos dessa ocorrência, bem como sua elaboração, seguida do luto e da aceitação, são vistos pelos olhos de um narrador protagonista, que está na fase de transição da infância para a adolescência – Cláudio tem aproximadamente 11 anos de idade, período em que perde seu melhor amigo com a tragédia do suicídio.

Sua forma de contar essa história, demonstrada de maneira gradativa, possui um modo muito peculiar: a utilização das cores. Justifica-se, então, que este trabalho monográfico, tenha não só refletido acerca da representação do suicídio na narrativa, pensando sobre a temática, como demonstra o emprego das cores na trama, a qual representa a elaboração dos sentimentos de uma criança.

Embora o livro *O Meu Amigo Pintor* tenha sido analisado por estudiosos de literatura infantil e juvenil, constatamos que faltava ao repertório dos estudos literários uma análise minuciosa do emprego das cores, bem como de sua simbologia e seus significados acerca das emoções do narrador. Por isto, refletimos sobre o jogo cromático desenvolvido na construção do texto narrativo para discutir a morte e os sentimentos do protagonista.

Durante a consecução deste objeto, verificamos que a autora Lygia Bojunga, cuja produção surgiu no cenário da literatura no princípio da década de 1970, é uma das escritoras responsáveis pela discussão de temáticas fortes, que visam à formação crítico-construtiva do leitor. Para tanto, o livro analisado por nós, bem como os outros trabalhos da escritora, configuram-se por meio da exploração de assuntos tabus, muitas vezes considerados problemáticos para a educação tradicional.

*O Meu Amigo Pintor*, publicado em 1987, pela editora José Olympio e posteriormente, republicado em 2006 pela Casa Lygia Bojunga, possui um código genético literário advindo do livro *7 Cartas e 2 Sonhos*, também escrito por Bojunga

em 1982, que, aliado às nove pinturas de Tomie Ohtake, aqui demonstradas no primeiro capítulo, geraram um trabalho de arte para crianças, estabelecendo um diálogo entre texto e imagem.

Todavia, a autora, acreditou que seu texto verbal poderia caminhar sozinho pelas próprias “pernas narrativas”, de forma que decidiu publicar um novo livro, sem as pinturas anteriores, modificando o enredo sensivelmente, demonstrando que o texto verbal carrega imagens com as palavras.

Contudo, conforme explicitado no capítulo I, não se pode negar que o diálogo com as obras de Ohtake foram determinantes para a escolha do emprego das cores tanto na narrativa de *7 Cartas e 2 Sonhos*, como em *O Meu Amigo Pintor*. Podendo-se afirmar, portanto, que a existência das telas de Tomie Ohtake inspiraram Lygia Bojunga a pensar nas cores e a contá-las de maneira tão significativa em sua obra.

Enquanto o narrador protagonista, Cláudio, elabora a notícia do suicídio do Pintor, fazendo uma retrospectiva de seus momentos com o amigo, busca o entendimento e a aceitação da sua perda. Dessa maneira vai construindo sua personalidade, amadurecendo espontaneamente. Por isso, ficou ressaltado no capítulo II, que o narrador é um ente construtor de sua própria identidade. Não é uma personagem pronta, já com sua constituição e personalidade definidas, ao contrário, edifica-se com a narrativa. Esse dado é algo que torna o livro ainda mais especial para o leitor em formação, pois eleva sua autoestima ao lhe apresentar um protagonista jovem, no qual esse leitor se projeta, capaz de encontrar seus próprios caminhos para o amadurecimento.

Os holofotes deste trabalho foram lançados para a forma de utilização das cores como metáfora e representatividade das emoções do narrador. Conforme o capítulo III, para ele: o vermelho é a cor difícil de se entender – a cor da morte, da complexidade dos sentimentos, do suicídio; o branco – a cor da dor, do vazio, do silêncio, da ausência do Amigo Pintor; o amarelo – a cor da alegria, da vontade de viver, da afetividade do narrador diante das coisas que o animam, mas pode ficar desbotado, perder nuances e se transformar em “amarelo-síndico”, por exemplo, uma cor chata, cansativa e feia; pode ser contente e se transformar em “cor de Clarice”, que representa a afetividade do Pintor pela amada. O nevoeiro é bruma

misteriosa, nebulosa, de difícil distinção, entretanto, revela por entre as nuvens, o suicídio do Pintor – que decidiu “matar a vontade de morrer”; a falta do amigo tem a “cor da saudade”. Que cor é esta? Seria o jovem leitor capaz de defini-la? O narrador deixa-a enigmática, ficando a critério desse leitor estabelecê-la e criar suas próprias significações.

A ideia de cor nesta obra, tanto para o narrador protagonista, como para o leitor, é uma forma de aproximação com o mundo, sobretudo, com a vida e a morte. A expansão da significação usual das cores, ao mesmo passo em que há a expansão das palavras pela narrativa, transforma o livro em tesouro. O narrador criança que, ao mesmo tempo se emancipa e, por projeção nele durante a leitura, emancipa o leitor.

Como vimos, não há um norteamento específico para a compreensão da trama, que surge fragmentada, em pensamentos, *flashbacks*, memórias, divagações, sonhos, aspirações, que recuam e avançam, sem linearidade. Trata-se, na verdade, de um desnorteamento do narrador que conta sua história enquanto sofre, narrando seu luto, sua desolação e tentando entender os porquês da morte suicida do melhor amigo.

O espaço físico cede espaço ao onírico – o plano dos sonhos, quando o narrador encontra uma maneira de entender os motivos do suicídio do Pintor, se depara com outras cores – o azul e o verde. Diante desses matizes, o narrador percebe que a compleição, a paz de espírito do personagem Pintor, se daria com a junção das três paixões (de verde) – Clarice, a política e a pintura. O equilíbrio desta tríade tornaria o artista feliz plenamente, pensar assim conforta Cláudio.

No término do enredo, o garoto tenta pontuar todas as inquietações que o afligem, percebendo que não vale a pena separar a pessoa do amigo, a amizade, dos motivos que o levaram a tirar a própria vida, ordenando as ideias, percebendo que tudo está ligado e não é necessário separar a pessoa que ama e admira da tragédia. É assim que o garoto narrador mostra o seu amadurecimento, representando sua sensação de alívio com o azul, o amarelo e o verde: as cores que encerram a narrativa.

Desta forma, pode-se constatar a validade da hipótese de que, pensar na morte e nas cores, nos sentimentos advindos dessas temáticas, estabelecendo analogias diretas entre elas, leva a obra, com seu menino narrador, mergulhado no caos existencial diante do suicídio do melhor amigo, a atingir a redenção ao compreender que tudo faz parte de um mesmo ciclo – a vida.

Portanto, pode-se concluir que a proposta literária de Lygia Bojunga faz com que a obra *O Meu Amigo Pintor* seja primorosa, cumprindo o papel humanizador de uma literatura de qualidade para os jovens. Essa obra proporciona a seus leitores a possibilidade de divagar pela consciência da vida e da morte, e assim obter a capacidade criadora da imaginação, do prazer, da identificação e até do estranhamento. Por meio de sua leitura, os jovens escampam do tédio, pois, pela reflexão, colorem seu mundo, ou seja, o ressignificam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3.ed. vol. II. Lisboa: Antônio Maria Pereira, 1952.

AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *Heróis Contra a Parede: estudos de Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2009.

BOJUNGA, Lygia. *O Meu Amigo Pintor*. 22.ed. 4<sup>a</sup>.reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

CECCANTINI, João Luis. Álbum de todos os Matizes: O Meu Amigo Pintor de Lygia Bojunga Nunes. In: CECCANTINI, João Luis, PEREIRA, Rony Farto Pereira. In: *Narrativas Juvenis. Outros modos de ler*. UNESP: Assis, 2008.

\_\_\_\_\_; PEREIRA, Rony Farto. *Narrativas Juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP; Assis: ANEP, 2008.

CHAIA, Miguel. *A Dimensão Cósmica na Arte de Tomie Ohtake*. Disponível em: <[http://www.institutotomieohtake.org.br/tomie/ensaios/teensaios03\\_01.htm](http://www.institutotomieohtake.org.br/tomie/ensaios/teensaios03_01.htm)>. Acesso em: 12 nov. 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

COSTA, Marta de Moraes. *Transpondo a dor em cor, a letra em palco: Textos de Lygia Bojunga Nunes*. In: *Revista Letras*, versão eletrônica. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19114/12414>. Acesso em: 02 nov. 2013.

GOETHE, J.W. *Fausto-Werther*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

GOLDMAN, Simão. *Psicodinâmica das Cores*. 5. ed. Rio Grande do Sul: La Salle, 1964.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*. 3.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1987.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. *Construindo História de Leitura: A Leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma “biblioteca vivida”*. Tese de Doutorado. Assis: UNESP, 2009.

FILHO, Antônio Gonçalves. *Tomie faz 100 anos*. Estado de São Paulo. Caderno 2. Quarta-feira, 21 nov. 2013.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2009.

GOLDMAN, Simão. *Psicodinâmica das Cores*. 5.ed. Rio Grande do Sul: La Salle, 1964.

HISPAGNOL, Isabela Garcia Rosa. *O luto e a construção de significados familiares frente à morte de um ente querido*. Mestrado em Psicologia Clínica. São Paulo: PUC, 2011.

LOTTERMAN, Clarice. *Escrever para armazenar o tempo: morte e arte na obra de Lygia Bojunga*. Tese de doutorado. Curitiba: UFP, 2006.

\_\_\_\_\_. Quando a morte seduz: o suicídio na literatura para crianças e jovens. In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINNI, João Luis; MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.

OLIVA, Luís César. *A existência e a morte*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

MASSA, Daniel. *De como se mata a morte. Diálogos sobre literatura infantil brasileira*. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

MICHELLI, Regina. *Lygia Bojunga: Perspectivas de Leitura*. Disponível em: <[ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/3/Lygiabojunganunesreginamichelli.pdf](http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/3/Lygiabojunganunesreginamichelli.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2013.

NUNES, Lygia Bojunga. *Arte para Criança. Tomie Ohtake. 7 Cartas e 2 Sonhos*. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia Editores Ltda., 1984.

- PHILIPPE, Airès. *História da morte no Ocidente: da Idade Média até nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- QUEIROZ, Nanci Maria Stephano. *A metáfora nos textos literários*. Tese de Mestrado. São Paulo: PUC, 2002.
- RÖSING, Tania M.K.; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi (Org.). *De casa e de fora, de antes e de agora. Estudos de literatura infantil e juvenil*. Editora Universidade de Passo Fundo, 2010.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SILVA, Antonio Ozaí da. *Suicídio, literatura e sociologia*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44eozai.htm>>. Acesso em: 11 fev.2014.
- SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini. *A trama do texto e da imagem: matizes, categorias e semiose*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2003.
- SOUZA, Renata Junqueira; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A força literária de Lygia Bojunga: a materialidade e o prazer da leitura em A Bolsa Amarela. 2010. In: RÖSING, Tania M. K; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *De casa e de fora, de antes e de agora. Estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: UPF, 2010.
- TISKI-FRANCKOWIAK, Irene T. *Homem, Comunicação e Cor*. 4.ed. São Paulo: Ícone, 2000.
- TURCHI, Maria Zaíra; SOUZA, Flávia de Castro. A face obscura da violência na literatura juvenil. In: CECCANTINI, João Luis. *Heróis Contra a Parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.